

Poucas coisas crescem tanto no Brasil como as doações feitas por milionários – desde que sejam públicas e badaladas

Márcia PEREIRA e Letícia MORELLI

**E**xiste uma nova indústria no Brasil. E ela cresce num ritmo tão forte quanto os investimentos em petróleo, no agronegócio ou na construção civil. Basta abrir as colunas sociais dos principais jornais para encontrar exemplos a granel da generosidade empresarial. Aliás, não se sabe o que vem primeiro: a filantropia ou a visibilidade numa coluna social. Num dia, doam-se equipamentos para os hospitais. No outro, angariam-se recursos para cursos profissionalizantes. E, em seguida, arrecada-se para o combate ao câncer de mama. O evento mais marcante da semana passada girou em torno do cabeleireiro Wanderley Nunes, de São Paulo, que tem como



EIKE BATISTA E A PRIMEIRA DAMA: doações de R\$ 2,5 milhões para a Escola do Povo Dona Marisa Letícia

# Filantropia no high society



Wanderley Nunes levantou R\$ 4 milhões sem ter um histórico de ações sociais

cliente mais famosa a primeira-dama Marisa Letícia da Silva. Disposto "a fazer o bem" para o seu próprio coração, o cabeleireiro teve a ideia de realizar um leilão e telefonou para Eike Batista, o homem mais rico do País, dono de uma fortuna de US\$ 30 bilhões. "O Wanderley me ligou e disse que o presidente Lula viria. Aí, eu disse que viria se ele viesse. Depois recebi um telefonema da dona Marisa pedindo que eu viesse, e eu vim", declarou o bilionário ao jornal *Folha de S. Paulo*. Graças à presença de Eike na noite, foram arrecadados R\$ 4 milhões - além de pagar R\$ 500 mil por um terno usado pelo presidente Lula, ele também decidiu doar R\$ 2 milhões adicionais. "O meu evento foi o de maior valor arrecadado até hoje; ninguém jamais teve um leilão com tanto dinheiro", disse Wanderley Nunes à DINHEIRO.

O problema é que, embora domine bem as tesouras, o cabeleireiro da primeira-dama ainda não possui nenhuma experiência com trabalhos sociais. Na prática, ele tem R\$ 4 milhões na mão e várias ideias na cabeça. "Quero criar um curso profissio-



nalizante na comunidade de **Paraisópolis** para formar cabeleireiros. Os estilistas Gloria Coelho e Reinaldo Lourenço **também** querem fazer costura. E eu vou convidar chefs renomados para dar aulas de forno e fogão", afirma. Wanderley até já batizou sua escola profissionalizante. "Podia ser em meu nome, mas não faço isso. Será Escola do Povo Dona Marisa Letícia", diz ele, assegurando que todo o valor depositado na conta do instituto será auditado por firmas independentes.

Dois dias antes do evento promovido pelo cabeleireiro, ricos e famosos também se reuniram no Jantar dos Cozinheiros, promovido pelo **médico** David Uip, no restaurante A Figueira Rubayat, em São Paulo. O objetivo era arrecadar recursos - cerca de R\$ 30 milhões - para a reforma do Instituto de Infectologia **Emílio** Ribas. Presente

ao jantar, o **empresário** Joseph Safra foi um dos principais doadores, mas, ao **contrário** de Eike Batista, não fez alarde e saiu sem dar declarações. "O dinheiro vem porque tenho credibilidade", disse Uip à **DINHEIRO**. "Ser **médico** e atender alguns dos doadores **também** ajuda porque a relação de **confiança** já está estabelecida." Uip afirma que, entre seus tradicionais doadores, estão o **empresário** Eduardo Souza Ramos, à frente da Mitsubishi no Brasil, e a **família** Klabin. Na mesma semana, a esposa do candidato **José** Serra, **Mônica** Serra, **também** atuou como leiloeira em um evento beneficente, que vendia **móveis** customizados por celebridades. Mas teve que intervir para avisar que o dinheiro não iria para a campanha de seu marido, depois que a socialite Marina de Sabrit, outra leiloeira, pediu, no microfone, votos para **José** Serra. "Quero deixar claro que esse dinheiro não vai para outro lugar", disse **Mônica**. O objetivo, segundo ela, era angariar recursos para o Instituto Se Toque, que combate o **câncer** de mama.

De acordo com especialistas, a filantropia ultrabadalada pode gerar dois efeitos. Um, positivo, o de estimular outros **empresários** a **também** doar. O segundo, perverso, seria o de direcionar recursos para eventos conduzidos por celebridades e sem um **histórico** efetivo de boas **práticas** sociais, prejudicando instituições mais **sérias**. No Brasil, embora não haja um **cálculo** preciso, há sim uma tradição **filantrópica** por parte do setor produtivo. O **empresário** **Antônio** **Emílio** de Moraes, do grupo Votorantim, é há **várias décadas** um dos mantenedores do hospital Beneficência Portuguesa, em São Paulo. Ele **também** apoia a Associação Cruz Verde, que combate a paralisia infantil, sem jamais ter feito nenhum alarde em torno disso. Nos Estados Unidos, onde a filantropia já **está** enraizada na cultura e nos valores, o melhor exemplo veio dos **bilionários** Bill Gates, da Microsoft, e Warren

Buffett, da Berkshire Hathaway, que conseguiram convencer 40 **bilionários** a doar metade de suas fortunas para projetos de caridade. Buffett foi ainda mais longe. Disse que **doará** 99% dos seus US\$ 46 bilhões. "O **empresário** que doa sente-se redimido da culpa de ser muito mais bem-sucedido que a maioria das pessoas", diz o infectologista David Uip. "E como se pagassem uma **dívida** com Deus". Mas, segundo a **Bíblia**, o melhor é que se doe de forma discreta. "Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a sua mão direita", diz o **versículo**, que consta do livro de Mateus.



O ex-ministro Paulo Renato e o **médico** David Uip num leilão em prol da **saúde**



Objetos doados pelo **modelo** Jesus Luz no evento do cabeleireiro Wanderley



Nos EUA, **Bill** Gates e Warren Buffett lideram as ações **filantrópicas**